

UMA LEITURA SOCIOLÓGICA DE “ANA DAVENGA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO¹

A SOCIOLOGICAL READING OF CONCEIÇÃO EVARISTO'S ANA DAVENGA

Leticia da Rocha de Araújo²
Michele Eduarda Brasil de Sá³

RESUMO: O presente trabalho tem como foco realizar uma leitura sociológica do conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, publicado no livro *Olhos d’água* em 2014, apresentando reflexões preliminares a respeito da condição da mulher negra tal como retratada no conto. Parte-se da concepção da literatura como instrumento de humanização: abordar a literatura afro-brasileira contribui não só para o conhecimento da sociedade brasileira, mas também minimiza preconceitos contra o povo negro. A análise conduzida apoia-se ainda em um recorte interdisciplinar com a sociologia, tangenciando com os estudos feministas (especialmente o feminismo negro), na medida em que considera a mulher negra como alvo de duplo preconceito. Apesar da narrativa contundente de Evaristo e do trágico desfecho, o conto se encerra com uma imagem de alento em meio ao sofrimento e à desigualdade. Como resultados esperados, temos a reflexão sobre o papel da literatura afro-brasileira no combate ao preconceito racial e a interpretação de um personagem emblemático que representa a condição da mulher negra e pobre no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Estudos do Conto, Cultura Afro-brasileira.

ABSTRACT: The present work focuses on a sociological reading of the short story entitled “Ana Davenga” by Conceição Evaristo, published in the book *Olhos d’água* in 2014, presenting preliminary reflections on black women’s condition as portrayed in the short story. It starts from the conception of literature as an instrument of humanization: to approach Afro-Brazilian literature contributes not only to the knowledge of Brazilian society but also minimizes prejudices against Black people. The analysis is also based on an interdisciplinary approach with sociology, touching on feminist studies (especially Black feminism), as it considers Black women as a target of double prejudice. Despite

¹ Artigo recebido para avaliação em 10/08/2020 e aceito para publicação em 05/10/2020.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da UFMS; E-mail: leticiarochoa_ms@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1934-6154>.

³ Doutora pela UFRJ; Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da UFMS; E-mail: michele.eduarda@ufms.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5487-9557>.



Evaristo's blunt narrative and the tragic outcome, the story ends with an image of encouragement amid suffering and inequality. The expected results are a reflection on the role of Afro-Brazilian literature in combating racial prejudice and the interpretation of an emblematic character who represents the condition of black and poor women in Brazil.

KEYWORDS: Brazilian Literature, Short Story Studies, Afro-Brazilian Culture.

Introdução

A literatura afro-brasileira, ainda que aos poucos, tem revelado as perspectivas que os próprios negros têm de si. Conceição Evaristo é uma escritora brasileira que tem se tornado cada vez mais conhecida por trazer em sua obra a visão de uma autora negra sobre a realidade vivenciada por muitos negros no país. Ao considerar a literatura brasileira canônica desde seus primórdios, vê-se que se trata de um lugar de não reconhecimento da realidade vivida pelos habitantes da periferia (em especial do povo negro), contexto em que se desenvolve a cultura afro-brasileira. Quantos protagonistas negros há? Quantos personagens negros não são relegados a uma posição subalterna? Quantas vezes a dor do negro aparece como dor, não como defeito? É bem verdade que hoje os estigmas já não são tão acintosos quanto eram antigamente e, quando aparecem, logo são denunciados.

Escrever sobre a mulher negra é falar sobre um ser humano que sofre duplamente. Num primeiro momento sofre por ser mulher num contexto em que o homem é considerado superior em relação a ela. Num segundo momento sofre por ser negra num país racista. Durante a escravidão dos negros no Brasil elas sofreram exploração física e sexual e sofrem ainda hoje em uma sociedade em que são constantes as ocorrências de menosprezo às mulheres, geralmente associados à sua objetificação ou ridicularização. Sendo assim, quando analisamos obras que descrevem essas mulheres, aprendemos que a resistência e a luta também surgem daquelas pessoas que são consideradas frágeis. Nem todas, porém, conseguem escapar dos estigmas e de suas consequências. Muitas procuram ser ouvidas, já que, apesar de se engajarem nesta luta, o universo literário ainda deixa a desejar quando se trata de retratar e representar a voz da figura feminina negra.



Elas sofrem por estarem à margem e padecem também para que sua voz de luta e denúncia tenha espaço nesse ambiente em que são ofuscadas e muitas vezes desmoralizadas.

A sociedade, de modo geral, vem sofrendo por uma onda crescente de desrespeito e desumanidade que se nos apresenta, cotidianamente, nos mais distintos espaços. O assassinato de George Floyd nos Estados Unidos em 2020 acirrou o debate sobre o racismo nos Estados Unidos e as manifestações que lá aconteceram se espalharam pelo mundo. Falar sobre o racismo nos dias em que vivemos é urgente, e é preciso ter em mente que, ainda que haja um interesse mais amplo de todos (de qualquer cor de pele) lutarmos contra o racismo, não são raras as situações em que os espaços de luta tornam-se também territórios povoados por preconceitos. Dentre os meios e maneiras de que dispomos para combater esse mal, alguns de nós acreditamos na literatura como veículo transformador de mentes, corações e, em decorrência disso, da sociedade. Ela não pode tudo sozinha – mas tem seu papel a cumprir.

Entendemos que, nesta abordagem e relativamente a este assunto, o diálogo interdisciplinar é fundamental, para o que a literatura deve buscar um diálogo com a sociologia, a filosofia, a antropologia, a psicologia, enfim, com as áreas que possam contribuir para melhor compreender o problema e que possam oferecer instrumentos para minimizá-lo. Escolhemos para este trabalho a abordagem sociológica, pois o racismo e a desigualdade de gênero são problemas que se evidenciam primeiramente na sociedade (coletivo) a partir dos comportamentos individuais. Sprague e Kobrynowicz (2006, p. 29) apresentam a perspectiva do feminismo negro a partir da epistemologia sugerida por Patricia Collins, baseada em quatro parâmetros:

Primeiro, a experiência concreta e a sabedoria desenvolvidas a partir da experiência cotidiana são valorizadas na avaliação de alegações de conhecimento. Em segundo lugar, as alegações de conhecimento não são hierarquicamente impostas por uma elite, mas antes trabalhadas através do diálogo com os atores sociais do dia a dia. Terceiro, emoções como empatia e apego são incorporadas à noção de intelecto. Finalmente, parte da avaliação de uma ideia é feita atra-



vés do que é conhecido sobre o caráter e biografia da pessoa que a advoga.⁴

Estes parâmetros epistemológicos endossam a legitimidade para ouvir a voz da mulher negra, especialmente a da periferia, que quase nunca é ouvida. Quando o texto literário dá espaço a estas vozes, ele se constitui uma fonte tanto para a literatura quanto para a sociologia. Ainda que se considere suspeito o texto literário de ficção, pela sua própria natureza, o fato de os personagens criados retratarem a realidade de muitas pessoas acaba contribuindo para a compreensão desta realidade.

Voltemo-nos agora para a literatura afro-brasileira. Mesmo que declaradamente concordemos com o discurso antirracista, encontramos resistência quanto à procura pela literatura afro-brasileira: às vezes há falta de interesse, outras vezes há falta de acesso. Tendo em vista o cenário dessa literatura, para este artigo analisaremos o conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, publicado em 2014 no livro de contos *Olhos d’água*. Evaristo revela em suas obras os desafios enfrentados pela mulher negra, as desigualdades sociais e também de gênero que agravam sua situação. Partindo do pressuposto da literatura afro-brasileira como um ambiente de enfrentamento, que descreve minorias, analisaremos a personagem-protagonista, que representa a resistência da mulher negra dentro de um ambiente que lhe é hostil, sofrendo dupla repressão social.

A perspectiva da literatura humanizadora

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino (BEAUVOIR, 2009, p. 9).

⁴ “First concrete experience and the wisdom developed out of everyday experience is valued in evaluating knowledge claims. Second, knowledge claims are not hierarchically imposed by an elite but rather worked out through dialogue with everyday social actors. Third, emotions such as empathy and attachment are incorporated into the notion of intellect. Finally, part of the assessment of an idea is via what is known about the character and biography of the person advancing it.”



Esta intrigante citação da autora francesa Simone de Beauvoir, esse pequeno fragmento no texto, nos leva a refletir em diversas questões relacionadas às mulheres durante séculos pós-colonização. Esse pensamento nos remete a aprofundar a reflexão também acerca da condição imposta às personagens negras descritas por Evaristo. Segundo Beauvoir, a condição feminina é imposta pela sociedade; enquanto condição social, a mulher durante muito tempo foi subjugada e inferiorizada em relação à figura masculina. À parte a existência do matriarcado em remotas culturas (no tempo e no espaço), a ausência da representatividade feminina ocorre desde há muito, em todas as situações em que a mulher não é (ou era) vista como cidadã e não tinha voz alguma, política ou socialmente.

Destacaremos nesse texto a representação feminina e negra na literatura, uma constante luta que ainda tem muitas barreiras a serem quebradas. A literatura é um dos meios pelos quais a voz da mulher negra passa a ser ouvida, e a visibilidade que tem ganhado também tem confrontado o discurso machista e racista que ora transparece, ora aparece, ora se abre completamente sem o menor receio de censura. Para Souza (2011), a literatura é um meio valioso de humanização:

Para nos tornar mais humanos e civilizados, para resgatar o sonho, a magia, pois que a vida sem magia é árido deserto, difícil de ser enfrentado. Por isso, os que vieram antes de nós nos legaram o valioso patrimônio da literatura. Não deixemos, pois, que a ausência do livro destrua, na infância, os homens e as mulheres do amanhã. Caso isso aconteça, teremos que enfrentar um novo monstro, mais perigoso que os do mar de Ulisses. O monstro da nossa própria desumanização.

Muito antes, Antonio Candido (1972), no seu texto "A literatura e a formação do homem", explica a função humanizadora da literatura como meio de confirmar a humanidade do homem. Vários fatores perpassam o fato de a literatura servir como meio de nos humanizarmos. Quando lemos, por exemplo, contos, poemas ou romances que nos revelam acerca da maneira como o povo negro foi tratado, percebemos que um erro foi cometido na história do Brasil. Podemos assim evitar cometer os mesmos erros



do passado? No que tange à desigualdade racial, a literatura afro-brasileira torna-se um dos campos em que o combate ao racismo se constitui também em um ato específico de humanização. Ao contribuir para o nosso *status* de humanos (individual, leitor, sujeito de reflexão), a literatura também contribui para a sociedade (coletivo, leitores, sujeitos de transformação).

Esta perspectiva salienta o caráter didático da literatura e isto é um terreno minado, pois a arte não precisa ensinar coisa alguma para ser arte. Entendemos, no entanto, que é a reflexão advinda do contato com a literatura – e não simplesmente o conteúdo que o texto literário veicula – que nos humaniza a todos, racionais que somos. Esta reflexão é baseada em razão e sentimento, em vida e morte, em prazer e dor.

No que diz respeito à condição das mulheres neste meio, o movimento feminista (entendido de maneira ampla, pois há, na verdade, feminismos) vê como necessária a escrita da mulher na literatura para sua emersão perante a sociedade. Entenda-se “escrita da mulher” como a escrita realizada pela mulher, mas também como a escrita que se faz a respeito dela, ou seja, pensando a mulher como sujeito e objeto do literário. Reiterando, em última análise, entendemos que a literatura pode ser um meio (embora não o único, e não limitado a este objetivo) de combater as desigualdades sociais.

Neste artigo, apresentamos nossa leitura de um conto sobre uma mulher negra e escrito por uma mulher negra, um texto literário que se desdobra em um combate duplo, contra o machismo e o racismo. Em nosso percurso, buscamos integrar o sociológico e o literário na análise que apresentamos. Trata-se do conto “Ana Davenga”, publicado no livro *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, uma autora que se destaca na literatura contemporânea afro-brasileira.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, mas mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970, onde se graduou em Letras pela UFRJ e começou a trabalhar como professora da rede pública de ensino. Já nos estudos de pós-graduação, pesquisou temas relacionados à literatura negra: no mestrado, defendeu a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; no doutorado, defendeu



a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na Universidade Federal Fluminense. Conceição Evaristo tem se engajado em movimentos de valorização da cultura negra; suas obras denunciam, entre outras coisas, a violência contra a mulher negra na sociedade.⁵

O conto narra a história de Ana Davenga, mulher de um criminoso, a respeito de quem vamos conhecendo um pouco mais a cada *flashback*. A vida que ela tem é do jeito que é em função do marido – assim como a sua morte.

Ana (e) Davenga

Cortázar (1974, p. 152), no seu texto “Alguns aspectos do conto”, escreve que:

[...] um bom conto é incisivo, mordente, sem tréguas desde as primeiras frases. Não se entenda isto demasiado literalmente, por que o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer pouco eficazes quando, na realidade, estão minando já as resistências mais sólidas do adversário.

O conto *Ana Davenga*, de Conceição Evaristo, começa com batidas à porta, altas horas da noite, e uma visita inesperada. Todos do círculo de Ana estavam ali, menos Davenga, seu companheiro, que ela esperava ver – o simples fato de não visualizá-lo entre os que chegavam a deixa preocupada. Todos parecem tranquilos, mas Ana é mulher de bandido e vive assombrada com a possibilidade de a qualquer momento alguém vir lhe dar uma notícia ruim. Marca-se no texto que ela sabia dos “negócios” do companheiro, que não fazia perguntas e que assumia os riscos de compartilhar uma vida assim pensando que “qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver” (EVARISTO, 2014, p. 26).

De Ana, a protagonista, não se indicou nenhum sobrenome antes que se narrasse o encontro dela com Davenga. Davenga era o nome dele – passou a ser o dela, dali por diante. Não se

⁵ Estas informações, bem como um texto escrito sobre a própria escritora sobre a sua trajetória, podem ser encontrados no site *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*, na seguinte página: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao%20-evaristo> (v. também bibliografia).



trata de uma cessão mútua – Ana de Davenga, Davenga de Ana. Ela recebe o nome dele como uma marca, como uma permissão para estar ali, para ser reconhecida no grupo como mulher (e, entenda-se, propriedade) do chefe. Mas esta ideia não parte dele, curiosamente. Foi Ana quem resolveu adotar o nome; ela escolheu chamar-se Ana Davenga, pois “queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome”. Ela fez com Davenga um pacto que pressupunha a adoção do nome e o silêncio absoluto diante das coisas que aconteciam debaixo de seu teto. Ana toma a iniciativa e a decisão, contudo a decisão tomada não reflete uma atitude ativa, mas passiva, diante da situação tal qual ela se apresenta. Como está na seguinte passagem: “Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles.” (EVARISTO, 2014, p.22).

A personagem não podia interferir no que era feito dentro de sua própria casa, debaixo de seus próprios olhos. Davenga lhe trazia o sustento e ela não perguntava o que ele fazia, embora soubesse exatamente dos negócios dele. Ana, objeto do “macho”, estava restrita ao barraco, embora nada lhe faltasse. Segundo Beauvoir (2009), o homem se torna um carcereiro de sua companheira não só por vontade própria, mas cumpre seu papel instituído pela sociedade. A mulher, por sua vez, torna-se cúmplice por ser obediente e submissa. Este tratamento é dado também às mulheres dos amigos de Davenga:

Desde aquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele (EVARISTO, 2014 p.23).

No conto, a autora nos relata como Ana era feliz e animada antes de conhecer Davenga, de como ela “dançava como uma bailarina”. No entanto, após a união, a protagonista leva uma vida de medo e incertezas. A própria festa surpresa que lhe fazem Davenga e os amigos acaba mostrando a situação de tensão e constante



alerta em que Ana vivia. O desfecho do conto se mostra ainda mais trágico com a morte de Ana, então grávida, e do companheiro. Até o seu sonho, o único sonho que sabemos que ela possuía e que ainda começava a se materializar em seu ventre, foi interrompido.

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga (EVARISTO, 2014).

O último parágrafo do conto nos oferece uma imagem significativa: “Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.” (EVARISTO, 2014, p. 30). Apesar da tragédia, há beleza no desfecho da história, diante do botão de rosa que se abre. Quando viu Ana pela primeira vez, Davenga a convidou para uma bebida. Ele tomou uma cerveja; ela, como tinha sede, pediu água. Ele era encorpado, inebriante; ela, pura e indispensável para o corpo, o líquido que poderia verdadeiramente saciar Davenga e dar-lhe saúde. Não é gratuito o fato de que, logo após esta passagem do conto em que bebem juntos, Davenga tenha se emocionado ao lembrar-se de sua mãe, irmãs, tias, avós. Olhava Ana e via nela uma família, mas via também uma mulher que cuidasse dele, que lhe acolhesse como menino – o que de fato acontecia toda vez que faziam amor e ele caía invariavelmente em prantos. Ele procurava na companheira uma mulher e uma mãe.

Davenga, que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança, soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada. (EVARISTO, 2014, p. 23).

O choro da imaturidade dele era proporcional à culpa que ela carregava, como se fosse – e não sendo – a culpada de alguma



coisa. Davenga havia tido a mesma reação com outras mulheres com as quais se relacionara antes de conhecer Ana. O conto narra, ainda que brevemente, a relação de Davenga e Maria Agonia, que se revela como o anti-exemplo. Maria Agonia não quer viver com Davenga, não quer seu nome, não quer que a vejam com ele. Só quer dele o sexo, o prazer escondido. Por isso, ele deu ordem para que a matassem; nem mesmo deu-se o trabalho de executar o serviço. Davenga livrou-se de Maria Agonia (que lhe dava remorso) porque não queria uma mulher que não estivesse com ele, em sua casa, debaixo de seu teto, a quem ele pudesse chamar de sua. Maria Agonia não podia ser dominada – logo, não servia. Parece uma situação muito particular, mas casos como este aparecem com indesejável frequência nos noticiários sensacionalistas todos os dias: a mulher que não se sujeita, o homem que não aceita a separação ou as condições do relacionamento, o crime passional, como se motivado por um sentimento de amor, quando na verdade é motivado por uma ação de poder.

Os sumiços esporádicos (duradouros ou não) de Davenga e a longa esperança, em constante preocupação, de Ana fazem lembrar a relação entre as mulheres de Atenas e seus maridos, que saíam em grandes batalhas e voltavam só depois de longo tempo e também depois de saciada a sua sede de glória. A incerteza do retorno também a martiriza – onde está Davenga? O que faz a mulher quando o homem parte e não retorna, ou demora a retornar? Quando não dá notícias? Quando não se sabe para onde foi, e o que foi fazer? A vida pára? As batidas do samba são interrompidas?

Ana vive e espera, apenas. Espera por Davenga e espera por um filho ainda na barriga. Começa a conjecturar sobre o futuro do filho. Pensa se o filho seguirá pelo crime, ou não. Ana não se preocupa por si, nada espera de si. Seus pensamentos, temores e planos se dirigem exclusivamente a Davenga e ao filho. A situação de Ana pode se comparar à situação de quantas mulheres hoje no Brasil? Quantas destas mulheres são negras e vivem em localidades semelhantes às da casa de Ana Davenga? Não se trata de fazer um levantamento numérico, uma análise quantitativa, como uma pesquisa demográfica ou algo do tipo. Trata-se de levantar um questionamento que conduza a uma reflexão a respeito da nossa sociedade, dando visibilidade a estas mulheres. Trata-se de



utilizar a função humanizadora da literatura para pensar a condição de muitas mulheres negras no Brasil ainda hoje.

Das “batidas na porta como um prenúncio de samba” do início do conto à “batida” da polícia na casa-esconderijo de Davenga, há as batidas do coração que vive, que dança, que faz amor, mas que um dia, enfim, pára de bater. Ricardo Piglia (2004, p. 87), em seu livro *Formas breves*, aponta como primeira tese sobre o conto o fato de que ele sempre conta duas histórias – e é preciso prestar atenção, pois nem sempre a segunda é facilmente perceptível. Não se trata aqui da história de Ana e de Davenga, ou de Ana e da criança não nascida, ou de Ana e as mulheres dos amigos de Davenga. As duas histórias que se contam são a de Ana Davenga (em primeiro plano) e a de todas as mulheres negras que se veem em situação semelhante ou pior, que nem sequer podem comemorar um aniversário ou a chegada de um filho.

Considerações finais

A literatura afro-brasileira tem servido como uma ferramenta literária humanizadora, conduzindo a sociedade a pensar em como um erro histórico, a escravidão, afeta a vida de muitas pessoas ainda hoje. Conceição Evaristo tem-se destacado em escrever narrativas impactantes que revelam a realidade do povo negro, em especial da mulher negra.

Nesse artigo, apresentamos uma leitura do conto “Ana Davenga” destacando como a vida de uma jovem negra se relaciona com a imposição machista e de dominação existente ainda hoje na sociedade brasileira. Abordamos a condição imposta e aceita por mulheres da periferia, retratada na personagem-protagonista Ana Davenga. Ela é protagonista do conto, porém não é protagonista de sua própria vida. Buscamos unir aspectos sociológicos e literários em uma análise interdisciplinar, pois literatura e sociedade não existem estanques nem distantes uma da outra. Salientamos o papel humanizador da literatura na solução dos problemas sociais através da reflexão que ela provoca, ainda que esta solução esteja muito distante de dar fim às condições desiguais em que se encontram muitas das mulheres negras em nosso país – o que, aliás, é uma realidade para além de nossas fronteiras.



Mencionamos Simone de Beauvoir e algumas de suas colocações que, embora escritas no século XX, ainda se mostram bastante atuais quando analisamos o conto e a própria realidade de muitas mulheres hoje. Embora a protagonista do conto vivesse o tempo todo com medo e aflição, ela não tinha iniciativa para sair daquela situação. A narrativa em questão nos remete à vida de muitas “Anas”, ou seja, jovens que se lançam em um relacionamento sem questionar, sem perguntar e sem conhecer. O que parece uma atitude de emancipação é, na verdade, uma porta para a escravidão, que acaba sendo voluntária, e muitas vezes sequer percebida. Sem dúvidas, assim como no caso de Ana no conto, o desfecho de muitas jovens que se relacionam com homens do “tráfico” muitas vezes é trágico.

Por fim, entendemos que a mulher negra luta duplamente para defender seus direitos: ora luta contra o racismo, ora luta contra o machismo, e na maioria das vezes contra ambos. A perspectiva sociológica do feminismo negro, a partir de recentes epistemologias, valoriza a mulher negra como aquela cujo conhecimento e vivência possuem legitimidade e autoridade para expressar o seu próprio estar-no-mundo; as emoções que possuem são agregadas à noção de “intelecto” – ou seja, o conhecimento não se restringe a uma elite acadêmica, mas integra os agentes sociais que o constroem, incluindo as suas emoções e seus sentimentos. Ao escrever sobre a mulher negra, Conceição Evaristo – ela também negra e de origem pobre – dá elementos que transcendem ao meramente literário.

De maneira mais ampla, a literatura afro-brasileira tem servido como objeto de denúncia contra a violência imposta a mulheres negras e também de valorização delas, através da visibilidade que lhes é concedida. Essas narrativas ajudam muitas mulheres a pensar no seu papel na sociedade e em como lhes cabe escolher o lugar de sujeito ou de objeto em sua própria história. A estas mulheres, muitas das quais nem se apercebem do poder que possuem sobre si mesmas, pertence o botão de rosa que se abre, ainda tímido, após o fim de tudo.



Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.

CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

EVARISTO, C. A. D. In: **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: literatura feminina afrobrasileira. **Literafro: portal da literatura afro-brasileira**, 2019. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

PIGLIA, R. **Formas breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, A. A. A. Cadê a literatura da escola? O gato comeu: reflexões sobre a infância, textos literários e bibliotecas. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.2, n.5, p.18-31, 2011.

SPRAGUE, J.; KOBRYNOWICZ, D. A feminist epistemology. In: CHAFETZ, J. S. (org.). **Handbook of the Sociology of Gender**. Springer, Boston, MA, 2006. p. 25-43.

